REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India...	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXI Volume — N.º 1080

30 de Dezembro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabavam os augures, mas não acabavam os tolos. E para contentar os tolos, é que viveram os astrologos, que lêem nos astros; as bruxas, que fazem sortilegios; os chiromantes, que soletram nas mãos; os médiums, que conversam com os mortos, e todos esses parasitas de bom humor que por toda a parte do mundo exploram a infinita credulidade humana.

Ora, desde que o Almanach dos nossos dias começou a pleitear primazias com a folhinha dos nossos bisavós, entrou nos usos, e constituiu costume, a balda de pedir ao Almanach o prognostico do anno. E o Almanach entrou assim numa concorrencia desleal com os astrologos, com as bruxas, com os chiromantes e com os médiums.

A velha Folhinha era uma modesta amiga sem pretenções, serviçal e fiel que com toda a gente apontava, a troco d'uma pobre moeda, os dias dos mezes, os nomes dos santos, as festas e os feriados, as luas e os jejuns.

Era uma coisa que limitadamente correspondia ás necessidades do tempo, que não eram muitas. Bom tempo esse, em que cada qual se contentava com saber em que dia do anno cairia a Pasqua, ou a quantos de maio seria o Corpo de Deus!

Mas os tempos mudam, e tudo muda com os tempos. A vida, pachorrenta e conformada que era, tornou-se inquieta e ambiciosa. Toda a gente, que d'antes andava por essas ruas em passo de procissão, e tratava dos seus negocios sem barulho, começou de repente a atarefar-se e a correr, e a sacudir muito os braços, e a suar e a bufar, aos encontrões e pisadelas, como se as ruas já fossem estreitas para lhe dar passagem, e as praças e os largos já não podessem contê-la. E houve pressa, muita pressa, uma grande pressa. Pressa de viver, pressa de gosar, pressa de saber.

Começou-se a nascer mais cedo. Ainda hoje é viva muita gente que se lembra do tempo em que para isso eram precisos nove mezes. Foi tempo! Vieram as pressas, e então, os que teimavam em nascer dois mezes antes, vinham puxados a ferros. Crianças de mama nunca mais houve. A ultima criança a quem ainda deram de mamar foi o Taborda. De então para cá, todas as outras já traziam dentes.

Deixou uma pessoa de andar na ama, para começar logo a andar no Liceu. Saia-se dos cueiros e entrava-se na Universidade.

Chegou a gente a casar em tão tenra idade, que aos quinze annos já temos filhos com barbas e á procura de emprego para logo casarem tambem.

A esta pressa, a esta ancia, a esta vertigem, chamaram os inglêses — a lucta pela vida. E foi bem assim. A vida tornou-se uma lucta. O progresso incessante das sciencias estimula e avigora esta lucta, que se pôz renhida. Quem mais sabe, mais depressa vence. A ignorancia deixou de ser atrevida. Hoje em dia, até para se ser ignorante, é preciso saber sêl-o.

Saber muito. Saber tudo. Saber mais ainda!

Conta-se que o velho Chevreuil, sentindo-se perto da cova, tristemente disse:

— «Que pena tenho de morrer tão cedo! Só agora é que eu começava a saber alguma soisa...»

Pouco depois morreu. Tinha vivido cem annos, e era o sabio que era. Agora, já não é assim. Agora, ao entrar na vida, cada qual se julga obrigado a saber o que o Diabo não soube. E foi para atender a esta necessidade urgente que se inventou o Almanach.

O Almanach tudo diz, tudo mostra, tudo desvenda, tudo patenteia, tudo explica, tudo aclara, tudo ensina.

Tem tudo quanto tinha a Folhinha augmentado de tudo quanto encerram os Tratados. E' informativo, é elucidativo, é recreativo. E' Borda d'Agua e Larousse. E' Seringador e é Enciclopedia.

Em materia de calendario, o Almanach sorri, desdenhoso não, mas complacente, da Folhinha antiga, que se contentava em dar-nos o «nosso calendario». O Almanach moderno que se préza dá-nos, pelo menos, meia duzia d'elles: o calendario gregoriano, o calendario cophta, o calendario musulmano, o calendario chinês, o calendario perpetuo. E' uma maravilha!

Tabelas de equação do tempo, tabelas dos trens de praça, tabellas das marés; escalas thermometricas, escalas chromaticas, escalas alcoolicas, calculos de datas, calculos arithmeticos, calculos biliarios; receitas para isto, receitas para isso, receitas para aquillo; conselhos agricolas, conselhos culinarios, conselhos de familia; charadas e logogrifos, anecdotas e pêtas, adagios e rifões, anagramas e anasarcas — tudo, tudo vem no Almanach.

Temos os Almana-

A INFANCIA DE JESUS

ESCULPTURA DE D. ADA DA CUNHA, PROVA FINAL DO SEU CURSO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO
OFERECIDA A S. M. A RAINHA D. AMELIA

(De fotografia)

chs do genero Bottin, repletos de nomes e moradas; temos os Almanachs de artes e officios, atulhados de conhecimentos technicos; temos os Almanachs de mercearia, contendo indicações preciosas sobre o augmento dos preços da manteiga, das latas de espargos, e do arroz; temos os Almanachs dos amantes, cheios de formulas maviosas para cartas de namoro e de formulas farmaceuticas para usos consequentes...

Mas, na avidez insaciavel de tudo saber e de tudo conhecer, o homem, ávido e insaciavel, quiz que o Almanach lhe dissésse mais, lhe fizesse saber mais. O homem quiz chegar a saber, por meio do Almanach, aquillo que não se sabe!

E o Almanach, espicaçado nos seus brios, não querendo ficar áquem da imaginação audaciosa do homem, que tanto quiz, deitou-se a adivinhar. E á frente das suas paginas, com o seu oculo de astrologo, a sua vassoura de bruxa, a sua fantasia de chiromante, e a sua intrujice de medium, começou a ler nos astros, a adivinhar nas cartas, a vaticinar nas palmas das mãos, a interrogar os mortos — e fez-nos Juizos do Anno.

Ainda ha muita gente que imagina ser coisa difficil fazer o juizo do anno para um almanach. Pois não ha nada mais facil. Basta encontrar um pouco do galhofeiro raciocinio de Puffistus. Quanto ao mais — Deus super omnia! que o Garrido traduziu assim, na *Lagartixa:*

«E deixa andar, corra o marfim!»

João Prudencio.

A INFANCIA DE JESUS

Foi este o ponto tirado pela sr.ª D. Ada da Cunha para a prova do seu curso de esculptura na Escola de Bellas Artes do Porto, e que hoje, tão a proposito, reproduzimos na primeira pagina deste numero dedicado ao Natal.

Ainda bem que podemos illustrar essa primeira pagina com uma obra original de estimado valor, sahida das mãos de uma discipula de Teixeira Lopes, que apenas completando o seu curso, onde alcançou 17 valores, se póde já apresentar como artista de prometedor talento, sabendo aproveitar as lições do mestre, e quantos são já os discipulos que o honram, graças á orientação que deu á sua escola.

A Infancia de Jesus é uma prova do que afirmamos, pois que não sendo facil dar á figura aquelle mixto de divina e humana que caracterisa o Redemtor da Humanidade, a sr.ª D. Ada da Cunha conseguiu realisar esse ideal no seu pequenino Jesus, dando ao barro de que o formou a perfeita fórma humana e ao mesmo tempo o sentimento angelico, suave, amoravel da Divindade.

A concepção é original, aproveitando a lenda de que, Jesus nos seus innocentes entretenimentos de infancia brincava com uma cruzinha, que mais tarde seria o instrumento do seu suplicio.

Esta esculptura, primicia da novel artista, foi muito apreciada por Sua Magestade a Rainha D. Amelia, quando visitou, em Gaya, o *atelier* de Teixeira Lopes, onde estava exposta, o que deu logar á sr.ª D. Ada da Cunha a oferecer á Augusta Princeza, que se dignou aceital-a.

Aceite tambem a gentilissima artista as nossas felicitações pela sua béla obra, que tão auspiciosa carreira lhe promete na arte portuguêsa.

JUNTO Á SERRA

N'esses sitios apraziveis,
Onde estás do céo mais perto,
Não achas o peito aberto
A mais grata sensação?
Não é tudo mais suave?
Não é tudo mais ameno?
Não te bate ahi a pleno
Satisfeito o coração?

Bem sei que o mar que abandonas
Prende, se é calmo e jocundo;
Porém, sempre abysmo fundo,
Assim mesmo, faz tremer.
Pois, se as ondas encapella...
Pois, se a praia em furia invade...
Pois, se á voz da tempestade,
Mostra de Deus o poder...

Ahi não, minha querida;
Ahi, proximo da serra,
Tudo te fala da terra,
Tudo parece feliz.
Ahi, em vez do deserto
Das aguas que mette medo,
Tens o frondoso arvoredo
Que á alma tanto nos diz;

Tens a fonte que borbulha
E por entre as pedras salta,
A branda relva que esmalta
Um tapête multicôr,
Um tapête de florinhas
Variadas e singelas,
Que são por isso mais bellas,
Sem terem menos valor.

Tens o corrego tranquillo
Que murmura e lento passa;
Tens a ave que esvoaça
De ramo em ramo a cantar;
Tens os casaes que, sorrindo
Ao longe na sua alvura,
Mansas pombas na verdura
Estão como que a lembrar.

Tens as ovelhas pastando
Espalhadas na campina,
Ou quando, á luz vespertina,
Vão juntas para o redil,
Emquanto o zagal deitado,
Ou traz d'ellas caminhando,
Suas penas enganando
Vae na flauta pastoril.

Ai, quem me dera escutal-a,
Quando o campo é silencioso,
E tudo chama ao repouso,
Aquella mystica luz,
Que do mundo nos aparta,
Que dentro de nós nos fecha,
E a sós comnosco nos deixa,
E nos ameiga e seduz!

Se hoje a ouvisse, que saudades
Eu de ouvil-a sentiria!
Mas tratemos de alegria.
Saudades não te estão bem.
Tua existencia começas;
Toda a vês; toda é presente;
E vives unicamente
De teu pae, de tua mãe.

Vaga pois por essas terras;
Bebe a agua d'essas fontes;
Aspira o ar d'esses montes,
E n'elle da vida o ar;
E dize adeus d'essa altura,
Um adeus muito distante,
A's praias onde bastante
Soffreste, ás praias do mar.

Mas pelos gosos campestres
Não troques os da cidade:
Vem, ó flôr de mocidade;
Volta breve para aqui.
Vem, ó filha de meu filho,
Já bôa, leda, radiosa;
Minh'alma é de ver-te anciosa;
Mais não quero estar sem ti.

Lisboa, 9 de Outubro de 1908.

Ramos-Coelho.

Natus est Jesus

«Depois, tendo a materia conflagrada
Obtido a sua pristina pureza,
D'ella tem de formar o Numen-Filho
Novos Céos, nova Terra;.........»

Milton — *O Paraiso Perdido*, canto XII.

J. Barthélemy Saint-Hilaire, no estudo consagrado a Mahomet e á sua obra, disse, que «para condemnar o Christianismo é preciso não o comprehender.»

Disse uma grande verdade o que foi illustre membro do Instituto francez, e á luz de similhante verdade, isto é, comprehendido o Christianismo em toda a extensão do seu profundo conceito philosophico, ninguem se permittirá negar fundamentos legitimos ás palavras — Novos Céos, nova Terra; — contidas nos versos de Milton, acima transcriptos.

E, com effeito, um novo revestimento definiu a natureza humana depois que o Christianismo entrou na scena da Historia e proclamou os principios famosos que lhe constituem a essencia doutrinaria, — liberdade, fraternidade e egualdade!

E' d'então que datam na existencia dos povos e nos codigos que regem as sociedades, as manifestas tendencias de emancipação fecunda, condição indispensavel do progresso e da civilisação authenticas.

Já antes do Christianismo, em plena idade aurea da Grecia e de Roma, o homem se percebêra com direitos que lhe anegavam, chegando por mais de uma vez a appellar para o recurso da violencia.

Tambem se registam até mesmo em eras remotas do mundo oriental, costumes e preceitos mais ou menos legislativos, identificando-se no proposito benemerente com a porvindoira excellencia moral do Christianismo.

D'isso ministra exemplo edificante em mais de um ponto a celebrada Babylonia.

Eram porém factos isolados, muito longe da mera possibilidade de formarem corpo regular de execução permanente e, em todo o caso padecendo sempre de simultanea coexistencia, n'um meio em que havia escravos e absoluta degradação do ente feminino.

A antiguidade reduzia o escravo á categoria de coisa e a mulher ao vilipendioso officio de prostituta.

N'este campo de elevada psychologia e de largas conquistas reivindicadoras, o Christianismo, para o qual não ha escravos mas homens e não ha femeas, objectos de luxo ou de gôso lubrico, mas mulheres, companheiras do homem, o Christianismo, repito, pronunciou a ultima palavra como carta de alforria universal, e como incontestavel testemunho de pura justiça.

O sêr que anda aprumado, espaçosa a fronte e penetrante o olhar, branco, negro, bronzeado ou amarello, descendente do casal edenico ou producto da transformação e evolução, ou, em summa, autochtone em relação ás diversas regiões do globo terraqueo, um tal sêr, illustrado ou não illustrado, organicamente perfeito ou não, de caracter bom ou mau, é um typo humano, uma machina racional susceptivel de ascender ás proeminentes sublimidades do genio e de registar no seu activo a resolução scientifica dos problemas mais inextrincaveis.

E' evidente que o Christianismo descerrou todas as portas impeditivas no passado, á brilhante manifestação de todos os cerebros robustos e ao facil accesso de todas as classes.

Do mesmo modo que desthronou a pungentissima ironia — *o escravo não é gente,* — desconheceu niveis irrisorios de differenciação individual e escandalosos privilegios de casta.

— *Natus est Jesus!* — Do só nascimento occorrido, ha vinte seculos, na terra do lyrico harpista de severidade penitente, derivou para a humanidade o impulso nobre de emancipação digna, sem nenhumas excepções, que se desdobra n'um unico termo substantivo, admiravelmente synthetico e syntheticamente profundo, — amor!

Amor, amar, amae-vos! estupendo equilibrio de forças inexgotaveis, alavanca primorosa de modificações sociaes sem balisas no espaço e sem limites no tempo, hymno, a scintillar como estrella e a deslumbrar como faisca electrica! taes os titulos do berço de Jesus, e taes os florões immarcessiveis da natalidade singular de Bethlem!

D. Francisco de Noronha.

Menino-Deus

Logo depois do Natal...

Por signal
Que o soisinho amanhecêra
Tão novo, alegre e contente,
Tão menino em sua luz,
Que dava vontade á gente
De perguntar quem nascêra:
Se fôra o Sol, ou Jesus.

Numa cidade tão clara
E tão garrida, que ao vêl-a,
Ao vêl-a a gente de cara

Não repara,
Nem pode entender ser ella,
No seu intimo, tão cheia
De miseria e de tristeza:

(Como um rico que passeia
Com elle a sua riqueza;
E algum pobre o vê, e diz:
— «Que feliz!» —
Mas dentro em seu coração,
Sabe o céu
Quantas lagrimas lá vão,
Miserias, dor, que sei eu!...)

A' hora do meio dia,
Por uma rua se via,
Caminhando
Ao bom sol (tão bom calor!)
Uma pobre mãe, levando
Pela mão
O filho que, pelo amor,
Levava em seu coração.

Sempre o menino parava,
Se avistava
Algum alegre brinquedo,
Coisa que alli não faltava:
Ficava-se mudo e quêdo,
Com longos olhos olhando,
Cubiçando...

— «Compre-me um brinquedo, mãe!» —

— «O' meu Deus! hoje tambem,
E sempre! Que scisma a tua!
Se nunca passas na rua
Que não queiras
Comprar as lojas inteiras!
E' vergonha... E então, agora
Que teu Pae, lá na officina,
Sem descançar uma hora,
Se rala, mata e amofina
Para nos dar de comer...
Faça favor de dizer:
Acha bonito gastar
Em coisas para brincar
O dinheiro que o Pae tem
De ganhar com o seu suor!?» —

Scisma o pequeno. Porém,
Com certa malicia á flor
Da sua vozinha:

— «Mãe!
Mas tudo se arranja bem...
A'manhã é dia santo,
Fecha a fabrica: Portanto,
O Pae não trabalha: E então
Não é vergonha comprar!» —

— «A'manhã, meu filho, estão
Todas as lojas fechadas!» —

Torna de novo a calar:
Quantas tristezas caladas
Fallavam no seu olhar!

De repente,
Como quem mais não consente
Soffrer em silencio um mal,
Castigo que não mer'ceu:

— «Parece, Mãe, que afinal,
Se o Menino-Deus nasceu,
Não nasceu p'ra toda a gente...» —

Logo a mãe, tomando-o ao collo,
Beijando-o na bocca, diz:

— «Para todos, filho, sim!
Pois se por ti me consolo
De tanta dor; se feliz
E alegre tu me fizeste:
Meu Amor! bem vês assim
Que, — quando tu me nasceste, —
Nasceu Jesus para mim...»

(Do livro *Parabolas.*)

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

Lisboa pelo Natal

«Ande o frio por onde andar, pelo Natal ha de chegar» assim se costuma dizer desde que ha frio e desde que ha Natal.

E' o inverno, e elle cá está nesta Lisboa temperada, que não lhe vale a sua exposição ao sul, para que o lisboeta deixe de tiritar com frio, como qualquer siberita, ainda que o termometro marque tantos graus acima de zero como na Siberia os marca abaixo.

E' o inverno, e tudo muda em Lisboa.

A população recolheu toda á cidade, chegaram os ultimos banhistas, acabaram-se as vilegiaturas, regressa se das viajatas pelo estrangeiro, as ruas teem mais movimento, de dia, á noite, a todas as horas.

Abriram-se os teatros, e rodam os trens e automoveis para S. Carlos, para D. Maria, para o D. Amelia, para a Trindade e Gimnasio, para o Coliseu, para toda a parte onde haja espétaculo, que o lisboeta não sabe que fazer á noite, se não houver divertimento. Feliz lisboeta!

E' o inverno, e logo pelas ruas se houve apregoar as castanhas, *quentes e boas a escaldar*, o marmelo assado no forno, as azeitonas novas, a *broinha de milho com erva doce* e o casal de perus, o mais caracteristico, porque nos diz que está o Natal á porta, sem ser preciso consultar a folhinha.

E' o inverno, em cheio, com os dias de 8 horas e as noites uns annos; dias sem sol, noites sem luar, e os poetas tristes, tão tristes como os perus soltando os seus melancolicos *grus grus* ocarinos; tristes estes pela sorte que os espera na mesa dos ricos, tristes aquelles porque os não teem á sua mesa.

E pelas ruas os bandos de pernaltas lá vão saltitando pela lama, transidos de frio, *gru-gru*, apanhando o seu carolo com a cana do vendilhão, que apregôa aos quatro ventos *é casale de piruns.*

Outros vão mais comodamente para o suplicio ao colo de moços. Vão de presente dar as boas festas ás pessoas de representação, como ia o peru de Nicolau Tolentino com estes choramingados versos:

Airoso, gordo peru
E' hoje o meu presente
Traz inda as penas molhadas
Com o pranto da minha gente.

A quantos sucederá o mesmo; não o comem para o mandarem de presente, como melhor empenho para aplanar dificuldades de qualquer pretensão, se o potentado não fôr como aquelle exigente juiz do Bairro Alto, que não se contentava com presentes de *cá cá rá cá.*

O peru, por este tempo tem grande influencia na nossa sociedade, não só pela boa canja que lhes fornece, mas pelas provas de gratidão que lhes permite. O peru paga com a vida os favores concedidos a outrem; conquista a benevolencia de muitos, e até os paes tiranos se comovem se o pretendente á mão da herdeira rica lhes mandar um casal de perus.

*
* *

Na vespera do Natal a canja fumegante convida a *fazer a meia noite*, tradicional uso no seio das familias, pretesto para uma ceia obrigada a peru e a borôas com seu copinho de aguardente de ervadoce. Alguns não chegando aos perus, contentam se com a borôa e a aguardente, mas *fiz-se a meia noite*, depois da *missa do galo*, em que toca a primitiva e alegre gaita de foles, como a tocariam os pastores no presepio de Bethlem saudando o nascimento do Redemtor.

Por altas horas, em a noite de Natal, ouvem-se repicar os sinos ecoando pela calada os seus toques a um tempo alegres e melancolicos, annunciando o nascimento de Jesus, que vem encher de consolações o coração dos crentes.

Enchem-se nas cidades as egrejas, nas aldeias os hermiterios. Nestes ha mais poesia; naquellas ha mais divertimento.

Lisboa, se não conserva intata a crença de seus maiores, desenvolve a paixão dos gosos, de modo que se não vae á missa do galo com aquella fé que animava nossos avós, vae, pelo menos, procurar uma distração diferente das que ordinariamente a divertem e só encontra uma vez por anno; distração e namoros, porque hoje como dantes, a missa do galo é um grande refugio para namorados, unica tradição que tem resistido a todos os tempos.

Que chova ou vente elles lá vão:

«Na esteira de esquiva dama
«Que de pedrinha em pedrinha salta.

embrulhada em seus abafos, e elles de gólas de sobretudos levantadas, de mãos nas algibeiras, luzindo-lhe o lume do charuto, como farol no mar da vida, por entre a escuridão da noite.

São os maiores *devotos* da missa do galo.

*
* *

O Natal, porém, nos ultimos annos, tem despertado em Lisboa uma outra ordem de devotos mais profanos, mas não menos crentes, até fanaticos, com a diferença de o serem da Loteria, da grande Loteria do Natal, que a alguns dá á farta para *fazerem a meia noite* e que a muitos deixa até sem a magra ceia.

Os duzentos contos da Loteria fazem delirar meio mundo na espectativa de lhes sahir a grande, mesmo áquelles que só podem arriscar sessenta réis numa cautelinha e que não obstante nutrem a esperança de apanharem todo aquelle ouro, que para o verem luzir diminuiria logo, pelo agio, uma quarta parte.

Mesmo assim pouco importa; em presença de tão grande fortuna não se faz caso de bagatelas, e os cambistas cauteleiros não teem mãos a medir, toda a gente se quer habilitar.

Nos ultimos dias antes de andar a roda, ninguem pensa senão em ser rico.

Pelas ruas espalham-se enxames de cauteleiros, homens, mulheres, pretas e pretos, — que estes teem *mascote* apezar de serem uns desgraçados, — coxos, cegos, aleijados, raparigas, garotos e até burros, todos a apregoarem numeros — excepto os burros — a oferecerem cautelas, vigessimos e bilhetes, como se mais nada houvesse neste mundo para vender nem para comprar.

E todo o dia se ouve este comercio ambulante apregoado e gritado; todo o dia e toda a noite, que o mundo pode acabar de um momento para o outro, e ninguem quer perder o ensejo de ficar rico sem trabalhar.

Oh! os duzentos contos! Quantos perus se poderão comprar; perus e peruas, dirão muitos que ainda são mais de sua paixão.

Aquelle pensa em mandar fazer um soberbo palacio para se desforrar da trapeira onde vive. Os enamorados projectam realisar o seu casamento espaventoso com lua de mel no Bussaco. Cada qual em sua fantasia faz planos á feição de seus desejos, e durante uns dias, umas horas, vive-se numa grande ancia de felicidade; acordado, na doce esperança da riqueza; dormindo, em agradaveis sonhos dourados.

Chega o dia de andar a roda e o povo apinhoa-se no largo de S. Roque, á porta da Misericordia, e todos á porfia qual primeiro a ouvir o numero da sorte grande.

Lá dentro, na vasta sala onde as bolas dansam dentro das esferas, os espectadores apertam-se, esmagam-se, asfixiam-se, de olhos esbogalhados fitos no pregoeiro dos numeros, de ouvidos apurados, atentos para o pregoeiro dos premios. Os alviçareiros escrevem numeros e premios em tiras de papel, que vão passando para outros até chegarem cá fóra, para as listas que se estão compondo.

Alguns habilitados que conseguiram entrar lá dentro, passam momentos, senão horas de anciedade, ouvindo apregoar numeros que não teem e premios que estimariam ter. Mas a anciedade é cada vez maior, porque ainda se não ouviram as magicas palavras, cadenciadas, vagarosas, pronunciadas pelo pregoeiro, em tom solemne, vigoroso: *Duzentos contos!!*

Ha na sala um movimento tal, que até parece abalar as paredes. Saltam uns por cima doutros precipitando-se para a sahida, a levarem a boa nova ao cambista que vendeu a taluda, ou ao feliz que sabem ter o bilhete.

E' um tufão o correr desses alviçareiros, que vencem todos os obstaculos do caminho, quer elles sejam coisas ou gente, porque saltam por cima de tudo ou derrubam o desgraçado que se atravesse na passagem.

O grande *filé* é o dos duzentos contos; os mais premios são como que de consolação. Entretanto pela sala ainda está gente esgotando até ás fezes o seu calix de amargura; é a que tem um resto de esperança de, pelo menos, tornar a apanhar o mesmo dinheiro.

Se alguns sahiram mais satisfeitos porque ouviram cantar o seu numero, a maior parte mal recobra alento para se mexer donde está, porque

O nascimento de Jesus na illuminura medieval

Circumcisão de Jesus

Illuminura do «Livro de Horas» de El-Rei D. Duarte

A Edade Media é essencialmente o periodo da fé ardente e da crença arreigada nos espiritos. Não admira por isso que os monumentos manuscriptos, que d'essa epocha nos restam, tenham nas suas paginas de pergaminho, coloridas e illuminadas, reflexos d'uma arte ingenua mas convicta, que ainda hoje nos emociona e commove.

Era que então, no seu principio, o illuminador trabalhava quasi exclusivamente para o clero e era elle proprio de ordinario um monge. Quantas vezes lindas freirinhas, nos ocios das suas orações, não se dedicavam tambem a tirar aos manuscriptos o ar soturno e sombrio que lhes dava a côr preta da tinta! Quantas vezes, cheias de ideaes e sonhos mysticos, não expandiam a sua paixão, pintando scenas biblicas, passagens da vida do Redemptor!

Como specimen d'esse tempo pode attentar-se na gravura que acompanha o presente artigo.

A gravura representa a circumcisão de Jesus. No templo, cujas janellas se vêem ao alto, sobre uma toalha alvissima, a Senhora apresenta o Menino cujos bracitos se inclinam para a mãe, emquanto com a carinha sorri para o sacerdote de alvas e longas barbas e manto roçagante. E' extrahida do *Livro de Horas de D. Duarte*. Manuscripto da primeira metade do seculo XV, de proveniencia flamenga, foi mandado fazer de encommenda para o então principe *Eduardi,* filho primogenito do senhor de Ceuta, como reza uma inscripção que se encontra no baixo da folha em que começa o officio de Nossa Senhora.

Não sabemos como, estas *Horas* foram ter ás mãos do infante D. Luiz, filho de D. João III, que as deixou aos Jeronymos de Belém e d'ahi passaram para a Torre do Tombo, onde hoje se conservam. Tinham então uma encadernação de velludo carmezim, que, por completo, desappareceu. Mas o que não desappareceu foram as suas numerosas illuminuras, a oiro e côres, cujo segredo de tintas é para nós um impenetravel mysterio. Mas o que não desappareceu foram os graciosos entrelaçados das suas tarjas a ouro, flores, fructos, aves e folhas, e foi o escudo das armas portuguezas no tempo glorioso da dynastia d'Aviz, que ainda hoje nellas podemos admirar.

(Torre do Tombo.)

ANTONIO BAIÃO.

Lisboa pelo Natal

Vendedores de perus aguardando os freguêses

«Quentes e boas»

«Azeitonas novas»

Os casaes de Perus no Largo de S. Domingos

A' porta da Misericordia no dia da loteria do Natal

«Broinhas de milho com ervadoce»

apenas terá ouvido cá fóra cantar algum casal de perus, e a sorte não lhe deu com que o comprar.

Cae então na realidade, e considera quanto melhor lhe fôra se, em vez de um vigessimo tivesse comprado um casal de perus para se banquetear com a familia.

Assim o recurso que lhe resta é:

Olha as quentes e taludas a escaldar. Trinta deʒ réis. Deʒ réis trinta!

CAETANO ALBERTO.

LENDA

Havia aqui, nesta aldeia,
uma pastora gentil;
nascêra em manhã ditosa,
em linda manhã d'abril.

Cheia de graça, a zagála
quando quinze abris contava,
tinha um'alma pura e santa,
e ao fim das tardes... sonhava.

A donzella enamorada
era filha d'um pastôr;
era linda como a aurora,
e só respirava amôr.

D'um pastôr se enamorou.
junto do velho convento;
e alli mesmo os dois amantes
fizeram seu juramento.

Entre lagrimas saudosas
cá na terra adormeceu;
e entre os canticos dos Anjos
os olhos abriu no Céo.

E as florzinhas d'estes prados
não cessam de suspirár
por essa creança innocente
que outr'óra as vinha beijar.

E de dia aquellas flôres
que ella em vida soube amár,
exalam suaves perfumes
para a sua alma incensár.

E ao fim da tarde ellas choram
de saudade e d'amargura;
Choram..., e só de chorár
'té perdem a formosura.

E este ribeiro saudoso
que a nossos pés vem passar,
quér de dia, quér de noite,
passa a vida a suspirár.

Ha vint'annos, diz a lenda,
que está sempre a murmurar:
— «Por ti, querida donzella,
«sempre e sempre hei de chorar.» —

Ha quem diga que o pastôr
por muito tempo soffrêra
aquella triste amargura,
mas que emfim... endoidecêra.

Outros affirmam, convictos,
que logo alli se finára;
outros então que o pastôr
em um claustro se enterrára.

O que é certo é que o pastôr,
mais tarde, ao pé do convento,
via correr o ribeiro
veloz como o pensamento.

E, abraçado á velha cruz,
quando a tarde declinava,
ou por ella a Deus pedia...
ou a sorte lamentava.

Nessa tarde, outra pastôra
c'o rebanho atravessava
estas aguas crystallinas
onde ás vezes contemplava

O seu rôsto puro e bello,
e uma voz ouviu soar:
— «Por ti, querida donzella,
«sempre e sempre hei de chorar.» —

E de repente parou
a contemplár o pastôr
que tristemente chorava
saudades do seu amôr.

Saudades! e que saudades...!
só elle as podia têr...
áquella alma piedosa
só lhe restava... soffrêr.

— «Ha quanto tempo é que tu,
«envolvido nessa dor,
«pobre zagál desditoso,
«chóras lagrimas d'amôr?» —

— «Olha...: ao declinar da tarde,
«neste tempo tão amado,
«nunca ouviste as orações
«do zagál apaixonado...?

«Pois tu, donzella, não sabes,
«não ouviste 'inda contar
«porque chora este ribeiro
«que a nossos pés vem passár?» —

— «Este ribeiro saudoso
«passa a vida a lamentar
«a triste sórte que teve
«de sempre corrêr p'ra o már...» —

— «A minha amante fugiu-me...
«foi violado o juramento...
«é por isso qu'inda chóro,
«não me alegro um só momento;

«é por isso qu'inda hoje,
«de saudade e d'amargura,
«as florzinhas d'esta aldeia
«'té perdem a formosura;

«é por isso que o ribeiro
«que a nossos pés vem passár,
«quér de dia, quér de noite,
«passa a vida a suspirár.» —

E a zagala o contemplava,
procurando penetrár
naquell'alma alanceada
só por têr sabido amar.

— «Dize-me, zagál amado,
«porque foi que essa donzella
«quebrára o seu juramento...?
«a culpa seria d'ella...?» —

— «Não...! a su'alma era mui santa
«p'ra quebrar um juramento;
«morreu, voou para o Céo
«na vesp'ra do casamento.

«E a minh'alma sonhadôra,
«quando d'um anjo avisada,
«voará p'ra junto d'ella...
«para a minha bem amada.»

— «Não vês ninguem que te tenha
«um amôr puro e sagrado
«como aquella cuja ausencia
«tanta vez has lamentado?» —

— «Oh, não.. ! Segue o teu caminho
«e não me venhas tentár;
«desde que amei quem amei,
«ninguem mais eu posso amár.

«Não houve nem ha donzella
«tão piedosa em seus amôres;
«por ella chóra a minh'alma ..
«por ella choram as flôres.

«Só ella sabia amár
«o pastôr enamorado;
«mais ninguem d'aqui d'aldeia
«por ella se viu amádo.

«*Nunca deixarei d'amar-te*
«*nem sequér um só momento*
«aqui faz hoje vint'annos
«que m'o disse em juramento.

«Mas... est'alma ha de morrêr
«pela saudade alanceada;
«ha de voár lá para o Céo..
«p'ra junto da minha amada.

«Quando, ao cahir d'uma tarde,
«o sino d'este convento
«tocou ás Avé-Marias,
«fizemos o juramento.

«E agora — mas que mysterio...! —
«me lembro que o juramento...
«hoje mesmo eu hei de entrar
«para este santo convento.

«Juramos, voltados ambos
«p'ra o mosteiro envelhecido...
«e só vint'annos mais tarde
«é que foi por mim cumprido...!

«Vint'annos...! sempre a soffrêr
«a mais cruel amargura...!
«Só hoje e neste convento
«vou encontrar sepultura.» —

Por altas horas da noite,
na sua célla acanhada,
orava o pobre do monge
por alma da sua amada.

E não tardou muito tempo
que o desditôso pastôr
não morrêsse com saudades
d'aquelle anjo, seu amôr.

ALVARO CAMELLO OSORIO DE VASCONCELLOS
(Villar de Paraizo)

Flôr do nardo

A' Ex.ma Sr.a D. Maria Stella de Lima e Sylva

> Eu deixo muitas vezes, voejar
> a phantasia na espiral do sonho
> e crio imagens d'um fulgor sem par,
> que vêm sorrir-me no viver tristonho...
>
> HEMETERIO ARANTES.

Já vistes a immaculada flôr do nardo?

E' branca... muito branca... idealmente branca e as suas pétalas em que predominam airosos recortes, repletas de graça e harmonia, teem o brilho esplendido do setim e a maciesa branda do velludo... qualquer coisa de ethereo e subtil que lembra a grinalda de uma noiva e a curva do peito de uma rôla...

Parece que o seu perfume suavissimo tem o maravilhoso condão de fazer surgir esplendorosas visões... coisas mui lindas de vêr-se, em que os olhos se deslumbram e os sentidos se embriagam...

Contemplar a linda flôr do nardo é evocar o passado remoto... biblico... patriarchal...

E' sonhar... E' sentir a alma ascender ás imponderaveis regiões em que a phantazia brilha com a rutillante fulgurancia de uma vivissima estrella...

E' viver, ainda que por instantes, nas idades passadas, vendo como que surgir d'entre as brumas da propria imaginação, e sob uma luminosa e tranquilla atmosphera, as mysteriosas montanhas da Judéa, a velha patria dos prophetas onde, sobre cada recanto, cada monte, cada comoro, a Lenda — espiritual phalena — desdobrou suas azas multicóres, feitas de sangue e de luz, de prazer e desdita!...

E' de admirar como n'um sonho feliz, as perfumadas planicies de Sharon, o paiz preferido pelas rozas — mysticas fadas que um poder occulto transformou em lindas flôres...

E' vêr rutillar ao sol as aguas da esplendida bahia de Joppa em cujas ondulações tremeluzem reflexos de amethista e saphira; o magestoso deserto onde choveu maná; Jerichó cujas muralhas alterosas se desmoronaram sob a influencia do som das trombetas do exercito de Jusué e a limpida corrente do Jordão, serena e azul como um ceu tranquillo...

E' pensar em Bethelem, a humilde cidade santificada pelo nascimento de um Deus e cuja casaria branqueja entre jardins floridos...

Depois, n'uma sandosa evocação, perpassanos pelo espirito a imagem do tumulo da

Suplemento ao n.º 1080 d'O OCCIDENTE

30 de Dezembro de 1908

Similegravura de P. Marinho & C.ª

Sua Magestade El-Rei D. Manuel II

(De fotografia de A. Bobone)

linda Rachel, revestido pela lepra dos tempos e a gruta cheia de mysterios onde David se occultou, onde Saul foi vencido pelo somno e onde, naturalmente, agora se abrigam as hyenas e os chacaes famintos...

A seguir são as longas campinas, em que se apascentaram os immensos rebanhos do rei David e onde elle aprendeu, em creança, a matar gigantes, a domar tigres e leões e a escutar, nas horas de solidão e tristeza, os murmurios d'essa voz sublime do espirito, chamada — Poesia —, que surgem á nossa vista...

E — tal é a poderosa força evocativa da linda flôr do nardo! — parece que nos chegam aos ouvidos, em suavissima harmonia, os primeiros accordes de musica etherea dos Psalmos e dos Canticos, dedilhados na divina harpa d'aquelle rei poeta e musico...

Depois, surprehendemol-o, receioso, a consultar, como outr'ora Saul, a velha Sybilla de Engadi...

Passa no ar, como um perfume, a vaga lembrança da gentil Bethasabêa...

Por fim é Salomão, com toda a pompa das suas prodigiosas riquezas, que apparece no vastissimo quadro das nossas remeniscencias...

Salomão, o grande, Salomão o sabio, a quem lá dos reconditos jardins do ignorado paiz de Ophir, Balkis, rainha de Sabá — a linda flôr de carne, cuja fragrancia perfuma voluptuosamente a nossa memoria — veio em pessoa, offertar a mais capitosa das flôres então conhecidas e mostrar os thesouros da sua esplendida formosura...

E logo nos parece vêr, com todos os seus maravilhosos effeitos de colorido e imponencia, o extraordinario sequito da famosa soberana!

Serpenteando atravez os terrenos arenosos, desdobrando-se em multiplos e variabilissimos aspectos em que predominam os guerreiros de armaduras brilhantissimas, sacerdotes mitrados e dançarinos que fazem prodigios de equilibrio, o cortejo caminha lento, vagaroso, ao som de cytharas de cordas de oiro...

Vemo-lo avançar solemnemente apezar das irregularidades do terreno em que os rochedos most[illegible]m a espaços, os rigidos recortes...

[illegible], cheio de magestade, detem-se, [illegible]to d[illegible]mpla escadaria do templo, onde, [illegible]ndo, [illegible]o luz na ardencia do Tabernaculo, a Arca da Alliança resplandece entre panejamentos de oiro e seda...

E logo, aurifulgente na sua tunica coberta de bordados e pedrarias e rodeado pelos seus magnates, o sabio rei Salomão apparece, sereno e magestoso, apezar da curiosidade intensa que o domina, apezar do grande desejo que sente de contemplar aquella rainha lendaria cuja fama tanto se alastrára pelo mundo...

Emfim, junto dos primeiros degraus do templo, param os vigorosos ethiopes que conduzem o palanquim de velludo e oiro da gentil soberana e depõem-n'o, cautelosamente, no chão já revestido de pelles mosqueadas, felpudas e macias, e juncado de flôres...

Um grupo de donzellas, lindas como deusas, cujas tunicas leves se movem cadenciosamente, atravessa a multidão e approxima-se.

Trazem os cabellos cobertos de poeira de oiro e sustidos por diademas em que alvejam perolas.

Todas apoiam sobre a anca esquerda uma pequena lyra de prata...

A multidão agita-se, dominada pela curiosidade...

Então, um sacerdote de longas barbas frizadas, descerra a cortina de purpura do maravilhoso palanquim e Balkis, a gentil filha de Hod-Had, a formosissima rainha de Sabá, surge, magestosa e serena, em todo o esplendor da sua fascinante belleza!...

Vem semi-nua: apenas envolta n'uma ligeira tunica recamada de flôres ireaes que abrem suas corollas de prata na curva ondulosa dos byssos verdes, apertada na cintura por uma larga faxa coberta de laminas de oiro, cujo fecho é uma enorme esmeralda.

Como dois pequenos escudos, peitoraes de oiro lavrado furados ao centro, susteem-lhe a onda voluptuosa do seio, mostrando os rubins vivos e erectos dos mamillos e definindo-lhe, em linhas de purissima eurythmia, a deliciosa flexibilidade do busto...

Paira-lhe no lindo rosto, côr de ambar queimado, uma expressão de surpreza.

Nos longos cilios reluzem atomos metalicos e a sua bocca graciosa, entreabrindo-se n'um sorriso infantil, patenteia a maravilha dos seus dentes iguaes e brilhantissimos...

Todos se curvam.

Escravas negras agitam enormes leques de pennas de avestruz e de pavão em que reluzem phantasticos cambiantes. Em caçoilas de oiro, finamente rendilhadas, o incenso arde e volatilisa-se em tenues espiraes que sobem, no ar tranquillo, como que imitando as columnas torcidas do Templo.

Depois de terem vindo prostrar-se perante a soberana, as donzellas erguendo-se todas a um tempo, fazem vibrar as suas lyras sonoras...

Agilissimos, os seus dedos percorrendo as cordas, parecem desferir raios de sol e notas brilhantissimas, n'uma melodia extranha, vaga como o agonisar das ondas sobre a areia ou o rumorejar das florestas longiquas...

A um gesto de Balkis, a musica extingue-se...

A soberana começa, seguidamente, sob um pallio de téla de oiro revestida de constellações de diamantes, a subir a ampla escadaria do templo...

Ephebos rosados e loiros lançam sobre ella pétalas de rosa; Solomão, o sabio, contempla-a attonito, deslumbrado por tanta belleza e magnificencia...

Ella, então, sorridente, n'um requebro gracioso e distincto, estende-lhe a mão pequena e velludinea em cujos dedos, em scintillas irisadas, brilham mil pedrarias, offerecendo-lhe, depois, com um geste que é um poema de graça, meiguice e seducção — um gesto que obscurece toda a sabedoria do sabio filho de David, — a immaculada flôr do nardo, branca, idealmente branca... muito branca...

(Do livro *Illuminuras*.)

LYSTER FRANCO.

Adeus, férias!

Chorae comnosco, ó Tagides formosas,
Com quem as férias todas doidejando
Passámos, bem felizes, derivando
Por thermas, campos, praias deleitosas.

Chorae comnosco, ó brancas mariposas,
O triste esmorecer das férias, quando
Deviam começar a ir mostrando
A poesia das tardes rumorosas.

Como terieis vosso olhar enxuto,
Se em féris vestís galas, frescas, lindas,
E chega-se o inverno e vestís luto?!!

Padre nosso que estaes a governar!
Já que estas breves férias estão findas,
Mandae depressa outras começar.

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

O BERÇO DE OURO

Póde toda a filosofia desde Confucio até ao excentrico Diogenes, Jesus Christo prégar a mais pura moral e o desprendimento das coisas terrenas, que o ouro continuará a seduzir a humanidade com o brilho da sua côr gemada, immutavel como o sol, gastando se sem envelhecer, e tão raro, que para o adquirir custa a vida, e quantas vezes o crime.

Tão precioso como nefasto, a uns promove prazer e a outros sugere odios, porque afinal todos o querem, mesmo os que dizem desprezal-o.

Os hebreus divinisaram-no num Bezerro de Ouro, querendo antes a este do que ás taboas da lei. O *Velho Testamento* diz: «Tudo quanto Deus mandou fazer a Moysés em o Templo, em honra sua, era magnifico; porém, nenhuma cousa se distinguia, e brilhava mais que o Candieiro de Ouro». O templo de Salomão era uma maravilha de riqueza onde o ouro abundava com tal sumptuosidade, que o Templo se encheu todo de uma densa nuvem quando os sacerdotes o offereciam a Deus, que assim quiz mostrar naquelle exterior sinal, quanto lhes agradava a obra de Salomão.

A Rainha de Sabá atraída pela fama de Salomão, veiu das longiquas terras do Meio Dia visitar o Sabio Rei, trazendo-lhe ricos presentes de ouro e pedras preciosas; mas ficou tão maravilhada com a magnificencia do palacio de Salomão, onde as columnas e mais ornamentos eram de massiço ouro que exclamou: vejo que isto excedo tudo quanto se me tem dito de vós!

Ora se a Deus e a seus escolhidos tanto agradou o ouro, como poderá desprezal-o o pobre peccador que delle tanto precisa!

Que coisa ha mais preciosa para oferecer e utilisar, a quem se quer bem?

* * *

A Anninhas, noiva, queria muito a um Menino Jesus que tinha, mas o pobresinho estava sem berço, descançava o seu corpinho nu numa almofadinha de seda branca já amarelada do tempo, e fazia tanto frio, tanto, naquella noite, que era uma barbaridade deixar para ali o infantinho sem o conchego duma caminha.

A noite era de Natal e o noivo da Anninhas, que ia casar dali a dois mezes, fôra convidado pelo futuro sogro para a ceia.

— Se elle tivesse um bercinho ficava contente e eu tambem, dizia, enternecida a Anninhas ao seu noivo.

Emquanto se preparava o peru e fazia a canja, o noivo foi em procura de um berço, mas não o encontrando como o imaginava, soccorreu se á sua habilidade, e voltou com os materiaes para o fazer.

Mãos á obra. O noivo por um lado, a Anninhas por outro, ia aparecendo o berço, por entre a conversa, á mesa do serão, onde abancava a familia.

A canja estava prompta e a meia noite ia bater, quando o Menino Jesus já se recostava num berço de ouro luzente, em que as luzes das vélas se refletiam como estrelas do céu.

— De ouro! exclamavam todos em piedosa comoção.

De ouro, e todo recortado, em feitios elegantes, numa opulencia que fazia um contraste extremo com a rude manjedoura e as palhinhas sêcas onde, todo humilde, nascera o Homem Deus, que dá os berços de ouro em que nascem os ricos.

E no presepio, armado no oratorio, via-se entre a Virgem e o casto esposo José, o berço de ouro luzente, em que as luzes das vélas se refletiam como estrelas do céu.

Florinhas de papel engrinaldavam em volta o mistico grupo, por sobre o qual pairava um anjo de grandes azas, em colorida cromo recortada, e pendendo-lhe das mãos uma fita ondulante onde se liam aquellas divinas palavras: *Gloria in excelsis Deo*, que annunciaram ao mundo o nascimento de Jesus.

Estava tão lindo assim o presepio que até a avosinha da familia não se lembrava de ter visto outro tão rico.

O Menino Jesus em berço de ouro!

A Anninhas estava radiante com aquella prenda que lhe oferecêra o seu noivo, um pobre rapaz, que sem ter ouro, apenas pudera dispôr de um vintem, quanto lhe custara uma folha de papel dourado.

LYNCE.

Figuras do Presepio da Egreja da Madre de Deus

A paginas 282 do vol. 30 tratamos de presepios e barristas num artigo sobre o *Presepio da Sé de Lisboa*, por isso agora pouco temos a dizer, tratando do grupo que existe na egreja da Madre de Deus, esse precioso tesouro de arte, que ainda, felizmente, se conserva, onde se vêem belos quadros em pintura, excelentes e raros policromos em barro e azulejos de bom desenho e composição, de inestimavel valor, não falando na magnifica obra de talha, como outra tão béla se não encontra no país.

Atribuem-se geralmente entre nós a figuras de presepio do seculo XVIII a Machado de Castro, por ser este o mais afamado esculptor e barrista daquelles tempos, esquecendo-se outros artistas como Barros Laborão, Antonio Ferreira e mais, alguns anonimos, devendo ainda atender-se á importação deste genero de obras de artistas italianos e da escola flamenga.

O grupo de que tratamos parece-nos ser obra flamenga, pelo estilo que bem se revela na fórma das figuras e no desenho um tanto redondo, o que se não vê nas producções de Machado de Castro.

Comparando este grupo com outras figuras pertencentes ao mesmo presepio, maior contraste se encontra, principalmente com o grupo da fugida para o Egito e outras figuras de S. José e Nossa Senhora, em que se reconhece o estilo de Machado de Castro.

Grupo do Presepio da Egreja da Madre de Deus
(Fotografia do sr. Alberto Lima)

Os presepios compondo-se com figuras de varios generos e procedencia, nelles se encontra profusão de tipos com seus trajes caracteristicos, constituindo curiosos documentos para a iconografia, quando não apresentam personagens historicas, como se observam em alguns, de que a tradição aponta seus nomes.

Aviso

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes, o frontispicio e indeces d'este volume.

A todos os srs. assignantes é tambem oferecido, como BRINDE, UM RETRATO DE CORPO INTEIRO DE **S. M. El-Rei D. Manuel II.**

Este retrato avulso custa 200 réis, e com o numero do OCCIDENTE, 320 réis.